

VIAGENS EM TRADUÇÃO

JOURNEYS IN TRANSLATION

Andreia Sarabando*
sarabando@ua.pt

As respostas à crise humanitária a que se tem vindo a assistir com o afluxo de requerentes de asilo para a Europa desde 2015 cobrem o espectro da reação humana ao sofrimento dos outros. Não pela primeira vez na história recente da Europa, há milhares de pessoas cujo flagelo e cuja morte na tentativa de chegar a território europeu, ou já dentro dos seus limites geográficos, não eliciam o auxílio e a proteção que a sua condição requer. Pelo contrário, são na sua maioria barradas no seu percurso por governos que se desresponsabilizam, por outros que alegam impotência, e ainda por outros que, motivados por racismo, xenofobia e/ou motivos económicos, tomam medidas muito concretas e deliberadas que contribuem para a degradação das condições de vida de pessoas que procuram refúgio e proteção de cenários de guerra, perseguição e outros contextos incontroláveis nos seus países de origem.

Ao longo dos últimos três anos, a União Europeia e os países que a constituem não tiveram capacidade, ou vontade, de encontrar soluções dignas para a maioria das pessoas que diariamente chegam à Europa à procura de auxílio. Exemplos flagrantes são a recusa da Hungria, da Polónia e da República Checa em acolher refugiados, e o mais recente programa de recolocação de requerentes de asilo acordado com a Turquia, que tem sido denunciado por várias agências humanitárias como vergonhoso e até ilegal. Entretanto, as 'soluções' encontradas fazem proliferar campos sobrelotados e sem condições de habitabilidade (incluindo falta de água, falta de aque-

* Universidade de Aveiro / CEHUM, Universidade do Minho, Portugal.

cimento e falta de saneamento) em que pessoas que se viram forçadas a escapar dos seus países para fugir à violência e à morte vivem em condições que mais uma vez põem em risco a sua segurança e a sua vida.

Do outro lado do espectro estão principalmente, para além de organizações humanitárias, respostas individuais e movimentos de cidadãos como o que originou os poemas que se seguem. O projeto *Journeys in Translation [Viagens em Tradução]* é uma extensão de um outro projeto que juntou poetas do Reino Unido, e que resultou numa publicação, *Over Land, Over Sea: poems for those seeking refuge, [Por Terra, Por Mar: poemas para os que procuram refúgio]* editada por Kathleen Bell, Emma Lee e Siobhan Logan e publicada em 2015 pela Five Leaves Publications, e cujos lucros apoiam os Médicos Sem Fronteiras, o Nottingham and Nottinghamshire Refugee Forum, e a Leicester City of Sanctuary. O livro inclui 101 poemas que abordam a experiência de pessoas que procuram refúgio na Europa a partir de diferentes perspetivas; o projeto de tradução, coordenado por Ambrose Musiyiwa e Emma Lee, encoraja a tradução de 13 desses poemas para tantas línguas quanto possível e a sua divulgação. Estas são as suas versões em português.

Estes poemas lembram-nos que é nosso dever acolher e ajudar os que precisam de nós. Lembram-nos, entre outras coisas, que os movimentos de refugiados são muitas vezes causados ou agravados por interesses ocidentais nos conflitos que devastam os seus países de origem e que os forçam a abandoná-los; que a indiferença pode ser tão nefasta como o mal infligido de forma deliberada, e que a solidariedade, a bondade, a empatia, e o sentido de responsabilidade em relação aos outros seres humanos devem sempre sobrepor-se às fronteiras nacionais, porque quando falamos de refugiados não falamos de uma massa sem rosto, falamos de indivíduos com histórias pessoais e experiências que podemos não partilhar, mas com quem partilhamos uma característica essencial: a nossa humanidade.

A questão dos refugiados não é exclusiva à Europa; em diferentes partes do mundo há países que põem entraves com consequências mais ou menos trágicas à migração de pessoas que tentam fugir à guerra e à miséria, e em consequência disso, a ONU está a tentar implementar um pacto global para a migração em 2018 que inclui medidas específicas para requerentes de asilo. No entanto, o Mediterrâneo continua a ser a rota migratória mais mortal do mundo. Segundo o projeto *Missing Migrants* da Organização Internacional para as Migrações, numa estimativa feita por baixo, a tentativa de travessia nesta região causou mais de 12.000 mortos só entre 2015 e 2017. É mais do que evidente que as respostas institucionais continuam

a ser manifestamente insuficientes para fazer face às necessidades das pessoas que procuram refúgio na Europa, mas à medida que o tempo passa e os media parecem perder interesse nas histórias destas pessoas, a questão corre o risco de ficar envolta numa indiferença torpe. Através da poesia, essas histórias podem ser recuperadas e podem adquirir novas *nuances* que revelam dimensões da experiência humana que dificilmente podem ser acedidas através de outros meios. Através da tradução, fronteiras linguísticas podem ser derrubadas, e a partir do momento em que uma barreira à compreensão mútua desaparece, o caminho está aberto para o desaparecimento de outros obstáculos.

[recebido em 18 de setembro de 2017 e aceite para publicação em 5 de janeiro de 2018]

um único país

o nosso lar
é um único país
na verdade todo o mundo
é lugar onde se podem instalar
digam-nos lá, se nos souberem dizer
devemos partir quando eles chegarem?
eles não pertencem aqui, nesta nossa pátria
deviam ter vergonha e corar quando nos dizem
temos de virar a nossa perspetiva de pernas p'ró ar

temos de virar a nossa perspetiva de pernas p'ró ar
deviam ter vergonha e corar quando nos dizem
eles não pertencem aqui, nesta nossa pátria
devemos partir quando eles chegarem?
digam-nos lá, se nos souberem dizer
um lugar onde se podem instalar
na verdade todo o mundo
é um único país
o nosso lar

Rod Duncan
Tradução de Andreia Sarabando

Crianças da Guerra

Todas as crianças na minha terra sofrem tormentos de guerras.

Todas as crianças na minha terra são amamentadas a leite e medo.

Eu sofro, sofro pela arma ao meu lado:
a tua oferta, Pai, no dia antes de te matarem.

Disseste-me que a tua arma seria a minha melhor amiga.
Está comigo todos os dias e todas as noites. E mesmo assim

Todas as crianças na minha terra sofrem torrentes de guerras.

Todas as crianças na minha terra são amamentadas a leite e medo.

Malka Al-Haddad
Tradução de Andreia Sarabando

Entrem

Para os migrantes e refugiados que chegam à Europa

Pedimos desculpa pelos nossos vizinhos,
por aqueles que não sabem
como dar as boas-vindas;
eles leram o livro das portas
mas esqueceram-se de como elas abrem.

Pedimos desculpa pelo senhorio,
ele sempre foi um problema
e os agentes no seu gabinete,
será preciso dizer que não fazem nada –

mais precisamente:
eles fazem o seu nada
não em nosso nome.

Desculpem pelo estado em que nos encontram,
não é que não soubéssemos que vocês viriam
e pelo sofrimento que sabemos por que passaram;

por favor estejam à vontade, descalcem os sapatos,
tomem este cobertor
é o mínimo que podemos fazer.

Peço desculpa pelas nossas maneiras,
quando vos visitámos da última vez
pela confusão que deixámos,
o motivo pelo qual tiveram de vir hoje.

Lydia Towsey
Tradução de Andreia Sarabando

Emoldurada

A mãe cobria sempre a cabeça
antes de sair de casa;
e claro, no nosso lugar de culto.

Algodão, por vezes *chiffon* ou estampado:
Uma Lembrança de Skegness emoldurava maçãs
do rosto altas, achatava caracóis perfeitos.

A mãe dela usava um chapéu, mesmo ao jantar,
a avó dela, um longo xaile de lã
apanhado com um alfinete sob o queixo.

Hoje, uma nora na loja da aldeia,
hijab emoldurando os seus grandes olhos castanhos.

Marilyn Ricci
Tradução de Andreia Sarabando

Canção para Convidados

*'A chegada de um convidado é motivo para um festim'
Um Costume Beduíno do Norte de África*

Medo,
e ódio
é atirado
pesa numa
noite escura como breu enquanto
as gentes se aproximam do calor da fogueira
sonhando com fuga
por túnel escuro com
luminosas mãos de amizade
levantadas prontas para apanhar...?

Dêem-nos as boas-vindas

*Damos-vos as boas-vindas a todos
Venham ... até nós*

Nós de homens despertos
agacham-se em esconderijos de arbustos
à espera de veículos fumarentos
passageiro clandestino com impassíveis
lábios cinzentos de palavras impressas
afiadas para incitar ou rejeitar?

Dêem-nos as boas-vindas

*Damos-vos as boas-vindas a todos
Venham ... até nós*

Novelos de mulheres crianças
seguram emoções como redes com
gritos feridos enquanto
correm lágrimas corações salgam
rios humanos atravessam a terra

os seus mares lavariam
lodos imundos indiferença cruel
uma zoeira suja de uma polis atormentada
é sangue o que têm nas mãos?

Dêem-nos as boas-vindas

*Damos-vos as boas-vindas a todos
Venham ... fiquem connosco
A nossa mesa está cheia
Mas vazia sem vocês.*

Carol Leeming
Tradução de Andreia Sarabando

Histórias d' "A Selva"

Tudo o que Abdel vê está conspurcado, apesar dos seus óculos.
Com a manga de uma camisa empoeirada, ele empurra a sujidade
do meio para os lados das suas lentes.
Elas testemunharam familiares a tornarem-se vítimas de crimes de guerra.
Ele podia tomar banho durante quinze dias e nunca sentir-se limpo.
O inglês é uma língua oficial no Sudão.
Aos dezasseis anos ele quer juntar-se a familiares que já estão em Inglaterra.

Para escapar ao recrutamento militar, Sayid, 20 anos, fugiu da Síria.
Inspirado pela história de um dos seus heróis, William Gibson,
Sayid chegou ao Egito, depois foi num pequeno barco para Lampedusa,
pela Itália para a França, de onde só pode continuar.
Num portátil emprestado ouve música pop síria.
Ele adoraria cozinhar. Ainda tem de pagar a um traficante
semanalmente pelo direito de correr atrás de camiões até chegar ao seu
[irmão em Inglaterra.

Com uma mão em ligaduras, Abdul, 21 anos, fala do cárcere
e gesticula para descrever os choques elétricos que recebeu
depois da sua captura pelo governo sudanês.
A sua tribo também foi assediada por milícias rebeldes. Sente-se enganado
por traficantes. A pesar do seu ferimento de arame farpado,
vai tentar de novo. O Sudão foi uma colónia inglesa.
Quer parar de olhar por cima do ombro.

Quando um tigre persegue, finge-te morto. Mas é difícil não fugir.
Quando os seus amigos foram presos na Eritreia, Hayat fugiu
e foi da Etiópia para a Líbia e atravessou o Mediterrâneo.
Tornou-se num tigre, a sua presa um comboio com destino a Inglaterra.
[Falhou a caçada.

Com o braço engessado, ele agacha-se numa caverna de lona improvisada.
Um tigre falha nove em dez caçadas. Ele falhou cinco, tem de enfrentar
[mais quatro.

O inglês é a única língua europeia que fala.

Na Universidade de Al-Baath em Homs, os seus estudos de Literatura Inglesa foram interrompidos pela conscrição. Firas desenhou e seguiu uma isopleta. Três membros da sua família foram mortos por forças governamentais sírias, ele não aguentava ver ou ser responsável por mais morte. A pele rasgada por arame farpado, ele ainda sonha com os pináculos de Oxford. Familiares vivem em várias cidades inglesas, todas com universidades. Ele quer usar a língua na qual se imergiu.

Ziad era um advogado respeitado em Daara. Agora está inquieto, sujo e magoado por trepar cercas, escapar a seguranças e evitar cães. O maço de cigarros amarrota-se à medida que o tece nos seus dedos, esvaziando um último anel de tabaco. Ele não os fumou mas não consegue largar o maço. Ele traduz argumentação jurídica para inglês. Quer reunir-se com familiares e voltar a exercer advocacia.

Emma Lee

Tradução de Andreia Sarabando

Estas histórias são baseadas em notícias de jornais. Os nomes foram alterados.

Os Humanos Vêm Aí

Ela quer ser astronauta
atravessar buracos negros e galáxias espiraladas para encontrar
vida extraterrestre.

A sua irmã mais velha empurra a cadeira de rodas
a chocalhar por um caminho calcário, pontapeando pedras
brancas como a Via Láctea.

E agora um alienígena ajoelha-se num campo
braço estendido com sonda peluda, em comunhão
com a rapariga da cadeira espacial.

Ela conta a estória do seu planeta exausto
os seus escombros cinzentos e esqueléticos, a sua família
dispersa arquivada no iPhone.

No entanto a Vida é uma aventura, ela acredita
que começa num barco de borracha, ondas enrolando
altas no cosmos turbulento.

Enquanto a sua irmã musculada é engenheira aeroespacial
esta adolescente de óculos, sorriso aberto
senta-se sempre ao leme.

Determinada a estar no grupo de desembarque
ela saúda cada cidade do Mundo Novo, cada estrangeiro
com uma mensagem de paz.

Apesar de ter saudades da sua mãe, ela é corajosa
como uma marciana de primeira geração que volta a configurar
a antiga noção de “lar”.

Agora o céu noturno tem Duas Irmãs, centelhas
numa constelação à deriva, as suas fogueiras
perfurando o nosso universo.

Siobhan Logan
Tradução de Andreia Sarabando

O homem que correu através do túnel

Quando ouvi
como ele correu
cruzando continentes
sobre rios
através de florestas
através de desertos
e através de túneis,
como poderia eu ter deixado
de me sentir inspirado?

Ambrose Musiyiwa
Tradução de Andreia Sarabando

Pela lente

um autocarro para
a multidão precipita-se para a frente
uma frenética correria e compressão

Zoom in...
pequenos braços agarrando-se
ao pescoço de um homem
uma velhinha frágil
içada a bordo
mãos agarradas
separadas

Plano geral...
autocarro a desaparecer
campo improvisado a reordenar-se
a luz e a esperança a desvanecerem

Zoom out...
garrafas de água vazias
dispostas num círculo
e três cobertores
dois pequenos e um comprido
dobrados numa ligeira curva
fazendo uma perfeita face sorridente

Liz Byfield
Tradução de Andreia Sarabando

À espera

Quando amanheceu, ela soube que as pessoas lá fora não eram fantasmas. Com precaução levantou-se, dirigiu-se à janela e olhou. Eram mais do que ela tinha suposto. O silêncio deles tinha-a enganado. Para além disso, eram cuidadosos. Mãos adultas guiavam crianças para longe dos seus canteiros. A colheita de vegetais do próximo ano estava a salvo. Um homem levantou os olhos e a trouxa que trazia ao peito agitou-se. Que desavisado, trazer um bebé para aqui. O olhar do homem encontrou o seu, e sob a paciência dele ela percebeu uma terrível urgência. Eles não eram fantasmas – ainda não. Ela fechou as cortinas, voltou para a sua cadeira, e esperou.

Kathleen Bell

Tradução de Andreia Sarabando

O que há num nome?

Reem está tão cansado que as suas pernas tremem como as de um corço.
Elias reza a Deus. Pergunta “Porquê?”
Firas compreende. Tem de ser corajoso.
Uri chora no escuro, rezando pela alvorada.
Ghaith verte lágrimas sincronizadas com a chuva.
Ephrem passa uma maçã à sua irmã, o estômago dele ruge.
Elham sorri, dá uma trinca na maçã e devolve-a.

Penny Jones
Tradução de Andreia Sarabando

Yalla

Na sombra de rochas fissuradas
dedos afinando areia refrescante,
a atração da lua talhando
o ritmo que preciso para perfurar
a tristeza, cheirar o horizonte,
saborear futuros. Agacho-me
para dar a mão a mão suave enquanto
ela pergunta baixinho, quem ouve?
Quem vê? A terra vai-nos tocar?
A noite envolve-nos. Claro, eu rio.
As estrelas ouvem, a lua vê,
nova terra encontrar-nos-á. Yallah!

Mais uma madrugada,
queixo ao peito, costela a costela, a minha
última filha aninha-se no meu colo,
exposta a um firmamento completamente
empenhado em pressionar o nosso fôlego
partilhado contra as profundezas. Levanto
a minha palma sulcada, arrefeço a testa,
dedos enrugados acariciam sonhos,
resíduos às avessas com as marés.
Alguém sintoniza as estrelas?
Quem quer saber o que a lua vê?
A terra tentará alcançar-nos? Yalla. Yalla!

Trevor Wright
Tradução de Andreia Sarabando

Deslocamento

Dias passam

tornam-se
num longo dia
palavras fogem –

montanha sanidade sal

sombras
soam a comboios

Noites em comboios

tornam-se
numa longa noite
palavras voam –

passaporte carrinho de bebé direitos

À espera nas fronteiras
como pássaros
em poleiros precários onde

sombras
soam a chuva

cheiram a dor

Pam Thompson
Tradução de Andreia Sarabando